

DE FREI HENRIQUE DE COIMBRA PARA DOM MORO DE CURITIBA: ANÁLISE DO DISCURSO DA CAPA DO MÊS DE MAIO DE 2017 DA *PIAUI*

Luís Enrique Cazani Júnior¹

RESUMO

Na capa da revista *piauí* referente ao mês de maio de 2017 há uma releitura da pintura de Victor Meirelles de Lima, realizada entre os anos de 1858 e 1860, intitulada *Primeira Missa no Brasil*. O quadro foi composto a partir da descrição que Pero Vaz de Caminha realizou em *Carta a El-Rei D. Manuel*, documento que rememora a chegada dos portugueses em terras brasileiras. Partindo desse pressuposto, este trabalho realiza uma análise do seu discurso, discutindo a intertextualidade com Fiorin (2008), a memória discursiva com Pêcheux (2010), os sentidos literais e implícitos com Lebler (2016), além de cultura e identidade nacional com Hall (2006) e Chauí (2000).

PALAVRAS-CHAVE

Discurso. Intertextualidade. Memória discursiva. Revista *piauí*.

1 INTRODUÇÃO

Brasil, de cultuadas belezas e de riquezas minerais. País de inúmeros ritmos e esportes, do “jeitinho”, da trucagem e do carnaval. Sede da Copa do Mundo de 2014 e dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro de 2016. Das arenas grandiosas envoltas em esquemas de superfaturamento e de políticos envolvidos em atos ilícitos de natureza diversa. Nação dispersa. De intensas e de obscuras negociações nos bastidores do poder. Do *impeachment*, do golpe, do galope ou do tropeço. Da *Operação Lava-Jato*, símbolo nacional de combate à corrupção. Brasil, país que vive uma crise institucional e identitária. Partindo desse viés reflexivo, este trabalho examina o que está em evidência dos tensionamentos da sociedade brasileira na capa do mês de maio de 2017 da *piauí*, empregando conceitos provenientes da análise do discurso de linha francesa.

Segundo Maria Cecília Marra (2017), diretora de arte da *piauí*, as capas da revista são editoriais e ela tem como atribuição transmitir ao artista selecionado a intenção desejada. A

¹ Doutorando, Mestre e Graduado em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. (Faac/Unesp). E-mail: cazani@faac.unesp.br.

ilustração analisada foi criada pela chargista russa que vive nos Estados Unidos da América, Nadia Khuzina. Ela faz alusão à pintura *Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles de Lima, realizada entre os anos de 1858 e de 1860 e exposta em 1861 em Paris, com significados que estão, na visão de Michel Pêcheux (2010), na memória discursiva da nação. O pintor fez sua representação a partir da *Carta a El-Rei D. Manuel*, escrita por Pero Vaz de Caminha logo após chegar ao Brasil na época das grandes conquistas marítimas.

Figura 01: Fac-símile da capa da *piauí* de maio de 201.



Fonte: *piauí*

No processo de reavaliação, de “passar o país a limpo”, a *piauí* retoma uma obra de referência, colocando personagens contemporâneos em um cenário primitivo e histórico, para questionar a origem da corrupção no país e os limites da *Operação Lava Jato*. Todos os presidentes da chamada *Nova República* integram a figura examinada.

Na página oficial de Khuzina há uma reflexão em relação a sua atuação no periódico:

The Brazilian Revista piauí has quite a snarky sense of humor, and often lets me plaster my hamfisted schlock all over their pricey upmarket monthly. (...) It's your typical leftist magazine, so I have recently offended most of the readers with my devout love for Making America Great Again, but it's good for them to see that not

every artist is a fake intellectual with a pretentious vocabulary. Brazil is our little sister of the Southern Hemisphere. I wish Brazil the best.² (KHUZINA, 2017)

Inúmeras personalidades já foram retratadas pela artista de modo crítico e cômico. A título de ilustração, pode-se mencionar Kim Jong-un, Che Guevara, Vladimir Putin, Donald Trump e Hillary Clinton. Conforme depoimento encontrado em seu blog *Pencil will not save us*, a revista *piauí* convida Nadia Khuzina para realizar as ilustrações. Suas obras são, portanto, encomendadas pela editoria do periódico.

João Moreira Salles foi o responsável pela criação da *piauí*. De família abastada, João é filho de banqueiro e graduou-se em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, seguindo a tradição da família. Ingressou na cadeia do audiovisual como roteirista a convite do irmão, Walter Salles. Os irmãos Salles fundaram a *VideoFilmes*, que tem em seu catálogo *Central do Brasil* (1998), *Lavoura Arcaica* (2001) e *Cidade de Deus* (2002), produções que valorizam o caráter nacional e a cultura popular. Destacam-se, ainda, os documentários *Jorge Amado* (1995), *Futebol* (1998), *Notícias de uma guerra particular* (1999), *6 Histórias Brasileiras* (2000), *Nélson Freire* (2002) e *Entreatos* (2004), que acompanhou Luiz Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 2002. Houve uma aproximação com a esquerda que foi motivada pela notoriedade do candidato.

Em entrevista concedida ao blog *Faróis do Cinema*, Salles responde uma questão sobre sua trajetória como realizador: “o percurso é apenas o reflexo das minhas preocupações: hoje, o filme me interessa mais quando diz algo sobre o próprio cinema” (SALLES, 2013). Há, portanto, uma reflexão relativa a própria linguagem e ela estende-se para outras realizações. Postulando que o Jornalismo cria narrativas a partir de eventos, reconstruindo-os para serem transmiti-los, há uma aproximação com a composição literária no periódico. O limiar entre os gêneros do discurso é sempre questionado e colocado em voga por João Moreira Salles em seus trabalhos.

A respeito do contexto sócio-histórico e político do país, inúmeras investigações acerca de esquemas de corrupções estão em voga. Em abril de 2017, os ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, José Sarney e Fernando Collor de

2 Segue a tradução do autor: “A revista brasileira *piauí* tem um senso de humor insípido e, muitas vezes, deixa-me encharcar com meu *trash* o mercado editorial. (...) É uma típica revista de esquerda, então, recentemente ofendi a maioria dos leitores com meu amor devoto por “Fazer a América grande novamente”, mas é bom para eles verem que nem todo artista é um intelectual falso com um vocabulário pretensioso. O Brasil é nossa pequena irmã do Hemisfério Sul. Desejo ao Brasil o melhor”. (KHUZINA, 2017)

Melo foram citados na delação do *Grupo Odebrecht*, acompanhados do presidente Michel Temer. Ressaltam-se, ainda, informações fornecidas pela *Construtora OAS*. Para exemplificar, pode-se citar a reportagem de *O Globo Online*, com a manchete: “*Lista de Fachin: Delação da Odebrecht levanta suspeita contra 5 ex-presidentes e 12 governadores*”, escrita pela jornalista Carolina Brígido; e da *Veja Online*, “*A delação do fim do mundo*”, de Rodrigo Rangel, Daniel Pereira, Robson Bonin e Laryssa Borges.

São discutidos no decorrer deste artigo: a intertextualidade com José Luiz Fiorin (2008), a memória discursiva com Michel Pêcheux (2010), a identidade, cultura nacional e narrativa mítica com Stuart Hall (2006) e Marilena Chauí (2000). Ao final do percurso, a literalidade e o implícito no discurso da capa da revista são estudados com Lebler (2016).

2 MEMÓRIA DISCURSIVA, MITO FUNDADOR E INTERTEXTUALIDADE

Ao lançar um primeiro olhar sobre a capa da *piauí* referente ao mês de maio de 2017, rememora-se, instantaneamente, a pintura intitulada *Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles de Lima, intensamente reproduzida pelos diferentes meios de comunicação e de informação, integrando o imaginário coletivo. De acordo com Eni Puccinelli Orlandi (2009), “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem”.

Figura 02: Victor Meirelles de Lima. *Primeira Missa no Brasil*, 1860.

Óleo sobre tela, 270 x 357 cm. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.



Fonte: ibram

Teórico responsável por estabelecer as bases da análise do discurso com contribuições significativas para a Escola Francesa, o filósofo Michel Pêcheux (2010, p.50) conceitua a memória discursiva como os “sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador”. Os mitos encontram-se nessa espacialidade viva e em constante movimento, sendo renovados por novas manifestações. A pintura foi construída a partir de um trecho dos escritos de Pero Vaz Caminha, perpetuando o pensamento. Esclarece Pêcheux (2010, p.52): “a memória seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os *implícitos*”. Para a autora Cristiane Lebler (2016, p.298), “dois conceitos são introduzidos para a explicação dos implícitos: a *significação literal* (SL) e a *significação implícita* (SI), sendo aquela o dispositivo que aciona esta”. Existem, ainda, os pressupostos e os subentendidos, estando o primeiro elemento “no nível da significação – componente linguístico – e o subentendido no plano da enunciação – componente retórico” (LEBLER, 2016, p.298).

Narrativas míticas podem ser compreendidas como histórias fantásticas sobre eventos, personagens e realizações pretéritas que perpassam no tempo por meio de diferentes matrizes de linguagem e hoje estão atreladas a tradição. A grandiosidade sobressai nesses percursos de notoriedade, dando relevância ao tema da fabulação, repleta de metáforas. Ao associar essas elaborações imaginativas e idealizadas ao termo “fundador”, resgata-se a gênese, o princípio ou origem de uma determinada situação. Segundo a socióloga Marilena Chauí, embora sofram releituras, os relatos permanecem reproduzindo sentidos. Nas palavras da autora, “é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade” (CHAUÍ, 2000, p.5-6). O mito fundador do Brasil parte da concepção edílica e do povo ingênuo, vislumbrada no desembarque dos portugueses nas terras encontradas.

No período da conquista e colonização da América e do Brasil surgem os principais elementos para a construção de um mito fundador. O primeiro constituinte é, para usarmos a clássica expressão de Sérgio Buarque de Holanda, a “visão do paraíso” e o que chamaremos aqui de elaboração mítica do símbolo “Oriente”. O segundo é oferecido, de um lado, pela história teológica providencial, elaborada pela ortodoxia teológica cristã, e, de outro, pela história profética herética cristã, ou seja, o milenarismo de Joaquim de Fiori. O terceiro é proveniente da elaboração jurídico-teocêntrica da figura do governante como rei pela graça de Deus, a partir da teoria medieval do direito natural objetivo e do direito natural subjetivo e de sua interpretação pelos teólogos e juristas de Coimbra para os fundamentos das monarquias absolutas ibéricas. Esses três componentes aparecem, nos séculos XVI e XVII, sob a forma das três operações divinas que, no mito fundador, respondem

pelo Brasil: a obra de Deus, isto é, a Natureza, a palavra de Deus, isto é, a história, e a vontade de Deus, isto é, o Estado (CHAUÍ, 2000, p.58).

As elaborações sobre o mito fundador são distintas nos momentos históricos. De acordo com Chauí (2000), a diferença consiste em considerar o intrínseco e o natural do identitário, entendido a partir da alteridade. Esclarece a socióloga: “o primeiro corresponde, grosso modo, aos períodos de vigência do “princípio da nacionalidade” (1830-1880) e da “ideia nacional” (1880-1918), enquanto a segunda aparece no período da “questão nacional” (1918-1960)” (CHAUÍ, 2000: p.19). Tais considerações são importantes para situar a obra artística analisada na linha temporal. Datada de meados de 1858, expressa o nacionalismo emergente, sentimento oriundo da independência do Brasil, imagem construída sob a égide dos valores do movimento romântico, indianista e positivista. Acrescenta-se, ainda, que a pintura foi confeccionada dentro de um programa de fomento do Império, evidenciando o nacionalismo.

É comum denominar a carta de Caminha como a “certidão de nascimento do Brasil”, pela temporalidade do registro, embora só tenha se tornado pública em 1817. Já para a pintura de Meirelles, o historiador da arte Jorge Coli (1998) atribui a denominação “batismo da nação brasileira”. Aqui, demonstra-se o sentido de existência da cultura cristã e pagã ou portuguesa e indígena.

A descoberta do Brasil foi uma invenção do século XIX. Ela resultou das solicitações feitas pelo romantismo nascente e pelo projeto de construção nacional que se combinava então. A ciência e a arte, dentro de um processo intrincado, fabricavam “realidades” mitológicas que tiveram e ainda têm, vida prolongada e persistente. O quadro de Victor Meirelles, retratando a primeira missa no Brasil, tal como foi descrita por Pero Vaz de Caminha, é um episódio muito expressivo dentro desses processos. Ele fez, em grande parte, com que o descobrimento tomasse corpo e se instalasse de modo definitivo no interior de nossa cultura (COLI, 1998: p.107).

No Modernismo brasileiro, corrente artística que buscou resgatar as raízes nacionais, Cândido Portinari também realizou uma interpretação da pintura de Meirelles. Há exercícios de intertextualidade, definida pelo linguista brasileiro José Luiz Fiorin (2008, p.52-53) como a “denominação de um tipo composicional de dialogismo: aquele em que há no interior do texto o encontro de duas materialidades linguísticas, de dois textos”. A paródia e a estilização estão nessa discussão do autor, reiterando a possibilidade de aludir a definição à

realização da *piauí*. Por fim, Fiorin (2008) complementa afirmando que, se existe intertextualidade, ocorre interdiscursividade, relacionada aos significados desencadeados.

Figura 03: Cândido Portinari. *A Primeira Missa no Brasil*, 1948.

Têmpera sobre tela, 271 x 501 cm. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.



Fonte: ibram

Júlia Kristeva foi a responsável por cunhar o conceito de intertextualidade a partir do dialogismo da teoria bakhtiniana. Mikhail Bakhtin (1992) discutiu os relacionamentos entre enunciados e como se constituíam. Para o autor, sua origem provém de ações de respostas que são incorporadas na enunciação. Como sua leitora, Kristeva deu seguimento a essas proposições.

3 IDENTIDADE E CULTURA NACIONAL

O cenário de instabilidade social em que se vive na atualidade é propício para se pensar a problemática da identidade nacional. Segundo Stuart Hall (2005), as relações que envolvem reconhecimento e pertencimento incidem na manutenção do equilíbrio coletivo. O sociólogo jamaicano argumenta que os laços que compõem o tecido social estão cada vez mais estreitos, fragmentados, deslocados, mutáveis e diversificados na pós-modernidade. Contudo, torna-se necessário resgatar seu olhar sociológico para vislumbrar de onde parte a mudança.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. (HALL, 2006, p.11-12)

Pode-se, também, examinar o contexto sob a égide dos conceitos de sociedade tradicional, moderna e modernidade. Nas palavras do sociólogo britânico Anthony Giddens (1990, p.37-38), “nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contém e perpetuam a experiência das gerações”. O autor complementa sua exposição afirmando que, nas sociedades modernas, “as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas, alternando, assim, constitutivamente, seu caráter” (GIDDENS, 1990, p.37-38). Por fim, a intensificação desse processo sob a égide da globalização desencadearia a presente conjuntura.

Pensar a cultura nacional é levantar as referências que identificam determinado povo, integrantes daquilo que Benedict Anderson define como uma “comunidade imaginada”. Hall (2006, p.48) argumenta que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”. Dessa forma, deve-se analisar como elementos, experiências, vivências e sentimentos pátrios são traduzidos em expressões de natureza diversa, contemplando o processo que avalia sua legitimidade, ou seja, sua negação ou seu reconhecimento e incorporação pelas instituições.

Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação: elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (HALL, 2006, p.49)

No final de sua mirada culturológica, Hall (2006) pontua alguns aspectos refletidos pela tradição: as memórias que são narradas de diferentes formas e em inúmeros meios, os primórdios, a incorporação de ações pela reprodução, a fundação e a tribo primitiva. A obra de Victor Meirelles de Lima contempla esses cinco apontamentos, integrando o momento da sociedade tradicional.

4 MATERIAIS E MÉTODO

O corpo de estudo deste trabalho é constituído pela *Carta a El-Rei D. Manuel*, escrita por Pero Vaz de Caminha, pela ilustração da capa da revista *piauí* referente ao mês de maio de 2017 e pela pintura *Primeira Missa no Brasil*, de Victor Meirelles de Lima. Realiza-se o exame da formação discursiva, “aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e o que deve ser dito” (ORLANDI, 2009, p.43).

Considerando-se que a ilustração da capa dialoga com a pintura, que está inscrita dentro do conjunto de discursos constantemente rememorados sobre a fundação do país e, ainda, o diálogo atinge diretamente os implícitos dessa recordação, utilizou-se a leitura que Lebler (2016) realiza das indicações de Oswald Ducrot acerca dos sentidos literais e velados, para extraí-los das obras selecionadas.

No primeiro momento, foram levantadas as identidades das pessoas da pintura e da capa da revista, seus papéis sociais e os contextos de produção das obras. Posteriormente, os sentidos trazidos pela substituição dos personagens históricos da pintura por membros do Poder Judiciário e por políticos na *piauí*. Por fim, relacionou-se o relato de Caminha acerca da primeira missa com as duas imagens.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Inicia-se a análise com a identificação dos personagens da obra de Victor Meirelles de Lima e da revista *piauí*, procurando denotar o que está implícito na substituição. No centro da pintura está o corpo eclesiástico. Quem realiza a liturgia é Dom Henrique de Coimbra, acompanhado de outros franciscanos, sem identidade revelada. Denota-se pelas vestimentas do clero que há uma hierarquia.

Na ilustração da capa da *piauí*, o Juiz Federal Sérgio Fernando Moro assume a posição de Dom Henrique. Atrás de Moro, encontra-se, ajoelhado, o Procurador-Geral da República Rodrigo Janot Monteiro Barros. O Ministro do Supremo Tribunal Federal Luiz Edson Fachin e o Procurador do Ministério Público Deltan Martinazzo Dallagnol estão na lateral da cruz. Os quatro membros do poder judiciário estão representados com togas similares.

Ao fundo, os marinheiros da esquadra portuguesa assistem à celebração. Os indígenas encontram-se ao redor. Na *piauí*, os delatores assumem a posição da frota marítima, estando entre eles, os ex-ministros Antônio Palocci e José Dirceu, os marqueteiros do *Partido dos Trabalhadores (PT)* João Santana e Mônica Santana, além do empresário Marcelo Odebrecht e Léo Pinheiro, sócio da *Construtora OAS*. No lugar do índios, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Fernando Collor de Mello e Michel Temer, com um penacho na cabeça, que remete ao *status quo* nessa tribo. Aqui, perdeu-se o volume de pessoas da pintura pela colocação de apenas componentes do Poder Executivo da chamada *Nova República*, citados nas delações da *Odebrecht*. Do alto da árvore, Fernando Henrique Cardoso tem uma visão e uma posição privilegiada, mas não está imune às delações. Associa-se o posicionamento do ex-presidente ao tucano, ave símbolo do seu partido, o *PSDB (Partido da Social-Democracia Brasileira)*. Lula guia Dilma e Temer tutela Collor.

O evento retratado foi realizado em 6 de maio de 1500, de acordo com a mensuração do calendário atual. Há, portanto, um motivo temporal para sua utilização na capa do mês de maio de 2017. Estando a religiosidade no centro da narrativa, resgata-se o relacionamento entre a coroa portuguesa e a instância católica. A análise histórica em Lima (2014) revela a existência do denominado “padroado”, compreendido como regime de colaboração. Cabia à monarquia articular e fomentar ações religiosas nos domínios portugueses e nas localidades conquistadas. A coroa detinha atribuições religiosas e o clero atuava sob a sua tutela. Isso pode ser vislumbrado na carta de Caminha (1500). É o capitão da expedição, Pedro Álvares Cabral, quem ordena a realização da liturgia.

O sentido de colaboração do “padroado” é manifestado na relação entre os juízes e os delatores na representação atual, só que se inverte a prerrogativa da autoridade. Se antes a coroa portuguesa geria os empreendimentos da Igreja, são os integrantes do Poder Judiciário que tutelam os delatores. Outra ressignificação é a da própria fé. Por muito tempo, a fé e a justiça estiveram relacionadas. Há, ainda, os privilégios da coroa, iguais aos dos delatores. As vestes religiosas revelam que a origem do agrupamento é franciscana. Quais os fundamentos franciscanos que atingem o Juiz Sérgio Moro ao ser representado no lugar de Dom Henrique? Segundo a página *Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil*, pode-se apontar:

- a) Como menores, buscamos evangelizar e servir preferencialmente os pobres, marginalizados e excluídos, sem ambição de poderes e submissos a todos;
 - b) Como portadores da paz, do bem e da justiça, visamos dialogar com o ser humano pela reconciliação fraterna, na integridade com todo o universo;
 - c) Como itinerantes, pobres e penitentes, queremos continuar a mesma missão de Jesus Cristo do anúncio da boa-nova do Reino, pelo testemunho de vida, pela palavra e pelo trabalho, vivendo em fraternidades evangelizadoras.
- (FRANCISCANOS, 2017)

Como síntese das considerações mencionadas acima, estão as palavras “humildade, simplicidade e justiça” em diversos endereços eletrônicos. Por que é Sérgio Moro o líder da cerimônia e não Luiz Edson Fachin? O juiz é responsável por julgar processos em primeira instância, daqueles que não têm foro privilegiado, dois dos quatro indígenas representados. Ele acabou se tornando símbolo da operação por integrá-la desde o início. Já Fachin assumiu o lugar do falecido Ministro Teori Zavascki na relatoria da investigação.

Caminha (1500) narra diversas missas na sua carta. Existe um fragmento da pintura que historiadores da arte atribuem ter sido relatada pelo escrivão, contudo, ela não provém da primeira missa. Nela, um índio demonstra para outro saber o que se passa. Na capa da *piauí*, Lula parece explicar para Dilma os significados daquele rito que é guiado pelo Juiz Sérgio Moro.

E alguns deles, por o Sol ser grande, levantaram-se enquanto estávamos comungando, e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinquenta ou cinquenta e cinco anos, se conservou ali com aqueles que ficaram. Esse, enquanto assim estávamos, juntava aqueles que ali tinham ficado, e ainda chamava outros. E andando assim entre eles, falando-lhes, acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou com o dedo para o céu, como se lhes dissesse alguma coisa de bem; e nós assim o tomamos! (CAMINHA, 1500, p.12-13)

A catequização é colocada como sugestão ao rei Dom Manuel I por Caminha (1500, p.12): “contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar”. O escrivão propõe alinhar os indígenas à fé católica. A catequização na *piauí* adquire outro sentido, o de alinhar os políticos aos preceitos do Judiciário e às necessidades da sociedade brasileira.

A inocência dos indígenas diante dos presentes que recebiam é sempre ressaltada por Caminha (1500). Ao verem o que os portugueses traziam consigo, eles demonstravam que tais materiais também existiam ali, entregando informações valiosas acerca das riquezas da terra. Ressalta-se, ainda, que eles aceitavam qualquer coisa nas trocas que eram realizadas,

prática que desembocaria no *escambo*. Assim, teria começado a corrupção no país, na leitura da *piauí*. Para Caminha (1500, p.07) “eles davam desses arcos com suas setas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coisa que lhes davam”. Se ingênuos nos primórdios, os políticos, que são representados como índios na capa da revista *piauí*, não aparentam mais ser assim.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *piauí*, por meio de sua capa do mês de maio de 2017, denotou, de forma cômica, que a corrupção no país teria começado logo na chegada dos portugueses ao Brasil em 1500, a partir das trocas. Além disso, envolvidos em supri-la hoje estariam diretamente relacionados com os responsáveis pela sua implantação, emergindo sentidos de colaboração no processo. Os acordos de leniência e *delações premiadas* levam à redução das penas dos delatores, podendo perpetuar a impunidade, dependendo da natureza do benefício concedido.

Tanto no momento da feitura da pintura *Primeira Missa no Brasil* com Victor Meirelles sob a luz do Movimento Romântico, quanto nas retomadas, seja no Modernismo Brasileiro com Cândido Portinari ou na *piauí*, o nacionalismo sobressai no contexto, atrelado a sentidos primordiais evocados pelo mito da fundação e do povo ingênuo que vem a ser representado a partir dos escritos de Pero Vaz de Caminha. O protocolo metodológico da análise do discurso de linha francesa possibilitou desnudar uma ilustração rica em significações. A *Operação Lava Jato*, símbolo de combate a corrupção, tem destacada importância no cenário nacional. O culto exagerado e os inúmeros desdobramentos são alvos de crítica da revista, que se utilizou de representações predecessoras e consagradas para discutir seus limites.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**. Londres: Verso, 1983.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Gêneros do discurso: unidade e diversidade. **Revista Polifonia**, v. 8, n. 08, p.1-18, 2004.

BRAIT, Beth. Leituras, significações, efeitos de sentido. **Revista Líbero**. Ano V, v.6, n.11, p. 36-44, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRÍGIDO, Carolina. **Lista de Fachin: Delação da Odebrecht levanta suspeita contra 5 ex-presidentes e 12 governadores**. O Globo Online. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/lista-de-fachin->

[delacao-da-odebrecht-levanta-suspeita-contr-5-ex-presidentes-12-governadores-21195198#ixzz4nOjj0Xw3](#)>. Acesso. 20/07/2017.

CAMINHA, Pero Vaz. **Carta a El-Rei D. Manuel**. 1500. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf>>. Acesso 26/06/17.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

COLI, Jorge. A pintura e o olhar sobre si: Victor Meirelles e a invenção de uma história visual no século XIX brasileiro. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998, p. 375-404.

COUTO, Maria de Fátima Morethy. Imagens eloquentes: a primeira Missa no Brasil. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 10, n. 17, p. 159-171, jul.-dez. 2008.

FAROIS DO CINEMA. Disponível em: <<http://www.faroisdocinema.com.br/2013/03/farois-joao-moreira-salles/>>. Acesso 26/06/17.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

FOCAULT, Michel. As regularidades discursivas. IN: **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GIDDENS, Anthony. **The consequences of Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IBRAM, Portal do Instituto Brasileiro de Museus. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/tag/primeira-missa/>> Acesso 20/07/17.

KHUZINA, Nadia. **Piauí magazine covers**. Disponível em: <<http://nadiakhuzina.com/piaui-magazine-covers>>. Acesso 20/07/17.

KHUZINA, Nadia. **Pencil will not save us (blog)**. Disponível em: <<http://nadiakhuzina.com/pencils-will-not-save-us>>. Acesso 20/07/17.

LEBLER, Cristiane Dall Cortivo. Pressupostos e subentendidos segundo a Teoria da Argumentação na Língua. **Revista Gragotá**, Niterói, n.40, p.295-316, 1.sem. 2016.

LIMA, Lana Lage da Gama. O padroado e a sustentação do clero no Brasil. **Saeculum – Revista de História**. João Pessoa, jan./jun. 2014, p.47-62.

MARRA, Maria Cecília. **Sobre as capas da piauí**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UIRj4TMJOw8>>. Acesso 24/06/17.

PORTAL TELA BRASIL – **João Moreira Salles**, entrevista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=onc4y4nYa4k>> Acesso. 24/06/17.

ORDEM DOS FRANCISCANOS. Disponível em: <http://www.franciscanos.org.br/?page_id=647>. Acesso 24/06/17.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

PARANAGUÁ, Paulo Antônio. **Cine Documental in América Latina**. Madrid: Cátedra, 2003.

PÊCHEUX, Michel. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **O papel da memória**. Tradução de José Horta Nunes. 3. ed. Campinas: Pontes, 2010.

RANGEL, Rodrigo; PEREIRA, Daniel; BONIN, Robson; BORGES, Laryssa. **A delação do fim do mundo.** Veja Online. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/delacao-da-odebrecht-acusados/>> Acesso. 20/07/17

SALLES, João Moreira. **Piauí.** Rio de Janeiro. Número 128. 11 de maio de 2017.

SILVA, Dafne Reis Pedroso. **Uma História Brasileira: João Moreira Salles e o Popular.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0410-1.pdf>> Acesso 20/07/2017.

From Frei Henrique de Coimbra to Dom Moro de Curitiba: analysis of the speech of the cover of the month of May 2017 of Piauí

ABSTRACT

On the cover of the *piauí* magazine for the month of May 2017 there is a re-reading of the painting of Victor Meirelles de Lima, created between the years 1858 and 1860, entitled *Primeira Missa no Brasil*. The picture was composed from the description that Pero Vaz de Caminha made in *Carta a El-Rei D. Manuel*, document that recalls the arrival of the Portuguese to Brazil. Based on this assumption, this work analyzes his discourse, discussing intertextuality with Fiorin (2008), discursive memory with Pêcheux (2010) and the literal and implicit meanings with Lebler (2016), besides culture and national identity with Hall (2006) and Chauí (2000).

Keywords: Discourse. Intertextuality. Discursive Memory. Piauí magazine

De Frei Henrique de Coimbra para Dom Moro de Curitiba: análisis del discurso de la capa del mes de mayo de 2017 de Piauí

RESUMEN

En la portada de la revista *piauí* referente al mes de mayo de 2017 hay una re-lectura de la pintura de Victor Meirelles de Lima, realizada entre los años 1858 y 1860, titulada Primera Misa en Brasil. El cuadro fue compuesto a partir de la descripción que Pero Vaz de Caminha realizó en *Carta a El Rey D. Manuel*, documento que rememora la llegada de los portugueses a Brasil. A partir de ese presupuesto, el presente trabajo realiza un análisis de su discurso, discutiendo intertextualidad con Fiorin (2008), memoria discursiva con Pêcheux (2010) y los sentidos literales e implícitos con Lebler (2016), además de cultura e identidad nacional con Hall (2006) y Chauí (2000).

Palabras clave: Discurso. Intertextualidad. Memoria Discursiva. Revista *piauí*.

Recebido em: 16/08/2017

Aceito em: 04/12/2017